



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA**

**“SÓ O SANTOS PAROU A GUERRA”: PARALELOS ENTRE AS DITADURAS
BRASILEIRA E NIGERIANA E SEUS USOS POLÍTICOS DO FUTEBOL**

GUSTAVO HENRIQUE DE MORAES FLORINDO

**BRASÍLIA
SETEMBRO DE 2024**

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

**“SÓ O SANTOS PAROU A GUERRA”: PARALELOS ENTRE AS DITADURAS
BRASILEIRA E NIGERIANA E SEUS USOS POLÍTICOS DO FUTEBOL**

GUSTAVO HENRIQUE DE MORAES FLORINDO

Monografia apresentada ao Departamento de História
como requisito parcial para a obtenção do título de
licenciatura, sobre a orientação do Professor Dr.
Mateus Gamba Torres.

BRASÍLIA
SETEMBRO DE 2024

BANCA EXAMINADORA

Isabela Martins Aragão

Camilla Cristina Silva

PROFESSOR ORIENTADOR

Professor Doutor Mateus Gamba Torres

AGRADECIMENTOS

Primeiramente gostaria de agradecer a toda minha família pelo amor, carinho e sabedoria durante esta jornada que foi a graduação. Em especial aos meus pais e primeiros professores, Edjane e Joaquim, por terem me proporcionado a base e o amor através da educação e do esporte. À minha mãe, pelo carinho, amor, orações e insistência comigo. Seu apoio me inspira a seguir no caminho da educação e me fez o homem que sou hoje. Ao meu pai, pelo carinho, amor e coragem para enfrentar os desafios e por me ensinar a amar a educação, os esportes e o Santos Futebol Clube, (a final da Libertadores de 2011 ao seu lado é um dos grandes marcos da minha vida e está gravado no meu coração).

Aos meus irmãos, Eduardo e Marília, que me mostraram os conceitos de amizade e irmandade, e ensinaram que é muito fácil estarmos juntos somente nos momentos alegres, mas que nos tornamos mais fortes e unidos quando nos juntamos nos momentos tristes e desafiadores da vida. Obrigado por me amarem, me instruírem e me levantarem quando nem eu acreditei em mim.

Aos que chegaram depois, Luiz, Andréia, Maria Eduarda e Júlia. A chegada de vocês me mostrou que família foi feita para ser ampliada. Obrigado pela amizade, carinho, amor e leveza que vocês proporcionam desde o momento que chegaram na minha vida.

À minha companheira, amiga e futura esposa, Lavínia. Desde o final do ensino médio até este ponto, você foi, é e sempre será a minha maior fonte de inspiração, pois o amor é inspirador e força motriz deste trabalho. Agradeço o amor, o carinho, a amizade, as conversas e por me fazer enxergar que sonhar e realizar é possível.

À Universidade de Brasília e todos os seus funcionários, por me acolher e me proporcionar ciência e sabedoria. Ao corpo docente do departamento de História, em especial ao professor Mateus Gamba por abraçar minha ideia e pela sabedoria em sua orientação neste trabalho.

Aos meus amigos, da UnB e fora dela. Vocês fazem parte dessa jornada, dos momentos de alegria e descontração aos momentos de desespero e fragilidade. As conquistas não devem ser individuais, assim como a tristeza também não deve ser. Agradeço a todos pela parceria, a jornada foi muito mais leve partilhando-a com vocês.

Tudo, tudo, tudo o que nós tem é nós!

RESUMO

Este trabalho apresenta o uso político do futebol dentro das ditaduras do século XX na Nigéria e no Brasil nos contextos de Guerras de Secessão africanas, em especial a Guerra do Biafra (1967-1970) e a repressão do Estado brasileiro na ditadura de 1964. A imagem do futebol foi e é um artifício muito poderoso de mobilização das massas, e a pesquisa foca nas possíveis conexões entre as ditaduras e o uso do esporte como propaganda, e como o futebol (principalmente do Santos Futebol Clube e a seleção brasileira de futebol) foi usado como propaganda política para os regimes autoritários.

Palavras-chave: Santos Futebol Clube, Guerra do Biafra, ditadura militar de 1964, propaganda política, futebol.

ABSTRACT

This work presents the political use of football within the 20th century dictatorships in Nigeria and Brazil in the contexts of African Civil Wars, specifically the Biafra War (1967-1970) and the repression of the Brazilian State in the 1964 dictatorship. The image of football has been a very powerful device for mobilizing the masses, and the research focuses on the possible connections between dictatorships and the use of sport as propaganda, and how football, mainly by Santos Futebol Clube and the Brazilian national team, was used as political propaganda for authoritarian regimes.

Key words: Santos Futebol Clube, Biafra War, military dictatorship of 1964, political propaganda, football.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	7
Capítulo 1 – Temporada conflituosa/gloriosa	14
1.1- Tensões no Continente Africano	14
1.2- Santos Futebol Clube em turnê mundial	16
1.3- A excursão que pararia guerras	19
1.4 – “Só o Santos parou a guerra...”	22
Capítulo II – Crises e “soluções” no Brasil.....	26
2.1- Crise nacional dentro e fora de campo	26
2.2- O “milagre” do futebol.....	28
2.3- Coincidências ditatoriais	30
CONSIDERAÇÕES FINAIS	34
REFERÊNCIAS	36

INTRODUÇÃO

A cultura de um povo se baseia em diversas representações e expressões. Com o passar do tempo, as culturas vão mudando, se adaptando ou até mesmo sumindo. Contudo, quando falamos de cultura, também falamos de costumes nocivos e preconceituosos que foram se perpetuando através do tempo. A História faz esse papel crítico de culturas, seja das que enriqueceram o conhecimento, ou das que fomentaram um preconceito.

A contemporaneidade é um berço para a interdisciplinaridade na historiografia. Compreender o tempo e as variadas nuances do tempo presente vai muito além da interpretação de um ou dois documentos: engloba a análise das diversas interpretações das ciências humanas, o entendimento da sociedade objeto de determinado estudo, a sua cultura e todas as suas mudanças ao longo dos anos.

Trazendo para o lado cultural, Peter Burke fomenta discussões acerca das expressões de um povo em determinado tempo e suas mudanças.¹ A visão da cultura acerca de determinados assuntos, além de enriquecer um texto, pode facilmente elucidar questões que são deixadas de lado pelas outras abordagens históricas. A cultura também fala muito sobre um indivíduo e os seus comportamentos diante das mais variadas situações, e usar da cultura como artimanha de controle de massas é mais um reflexo de como esta pode ser decisiva no futuro político de um país, ou até mesmo do mundo.

Quanto à política, uma das grandes reflexões humanas, a História escrita antes dos *Annales* se perpetuava apenas pela disposição e publicação dos documentos oficiais. A política, que pode ter muitas definições, seja aristotélica ou jusnaturalista, pode ser basicamente explicada como o controle do homem dentro de uma sociedade e seus acordos², e era analisada somente pela simplicidade dos documentos oficiais.³ Obviamente, isso também foi questionado e Bloch explica que a História não se faz somente com grandes magistrados ou grandes estudiosos, mas que tudo que fez parte de determinado período pode nos contar algo. Arlette Farge comenta melhor sobre

¹ BURKE, Peter: **O Que é História Cultural?** Rio de Janeiro, Zahar, 2005.

² BOBBIO, Norberto: **Dicionário de Política**. 12 ed. Brasília: Editora UnB, 2002. 2V

³ BLOCH, Marc: **Apologia da História**, Rio de Janeiro, Zahar, 2002, p. 28

como o historiador deve se portar com as “novas fontes”, e como extrair as informações dos documentos, trazendo novas visões até mesmo dos documentos oficiais que antes eram consideradas a única fonte histórica.⁴

A política e a cultura não se desvencilham de uma sociedade. Cada uma dita um certo ritmo sobre a outra. A cultura dita como a política vai funcionar, enquanto a política implica em como a cultura se expressará, e nisso vemos os reflexos na nossa sociedade. Às vezes a tarefa de identificar um texto de História Política ou de História Cultural se torna um tanto complicada por essa paridade, mas é possível notar também as semelhanças entre esses tipos de historiografia, pois, se pararmos para analisar, a política e a cultura são reflexos de um povo.

Nesse sentido, o nascimento da Imprensa e o seu desenvolvimento durante a modernidade e contemporaneidade tem se atrelado cada vez mais à historiografia, se tornando uma grande fonte de estudo, principalmente após a difusão de ideias dos *Annales*, trazendo novas visões acerca das fontes analisadas em questões de crítica e opinião, o que possibilitou também o surgimento de novos campos da imprensa, com análises políticas e culturais. Os assuntos foram se aprofundando e se difundindo cada vez mais, ao ponto de os meios de informação se tornarem o que são hoje. Chartier comenta sobre essa revolução da informação e como devemos olhar para trás e entender como eram feitos os códices, para compreendermos em qual momento da difusão de informação estamos hoje, e como devemos nos portar com as novas modalidades textuais. É necessário compreender quais tipos de mudanças os textos, acadêmicos ou não, podem sofrer com o desenvolvimento tecnológico.

Com o texto eletrônico, a coisa muda. Não somente o leitor pode submeter o texto a múltiplas operações (pode indexá-lo, colocar observações, copiá-lo, desmembrá-lo, recompô-lo, deslocá-lo etc.), mas pode ainda tornar-se seu co-autor. A distinção, fortemente visível no livro impresso, entre a escrita e a leitura, entre o autor do texto e o leitor do livro, desaparece diante de uma realidade diferente: a em que o leitor transforma-se em um dos atores de uma escrita a várias vozes ou, pelo menos, acha-se em condições de constituir um texto novo, partindo de fragmentos livremente recortados e ajuntados. Da mesma forma que o leitor do manuscrito, que podia reunir em um só livro obras de natureza bastante diversa, reunidas no mesmo suporte, num mesmo libro-zibaldone, apenas pela própria vontade, o leitor da idade eletrônica pode construir, a seu bel prazer, conjuntos textuais originais, cuja existência e organização só dependem dele. Mas, além

⁴ FARGE, Arlette: **O Sabor do Arquivo**, São Paulo, EDUSP, 2022.

disso, ele pode, a qualquer momento, intervir nos textos, modificando-os, reescrevendo-os, fazendo-os seus.⁵

Diante dessa difusão da nova imprensa, a História adquire uma grande aliada na escrita para o tempo presente, observando a minúcia com as fontes que o trabalho de historiografia deve ter. Isso abre um leque de oportunidades de estudo nunca vista, e algo que antes poderia ser considerado trivial pode nos trazer uma análise crítica sobre qualquer assunto.

Com isso, a imprensa esportiva tem muito a dizer sobre a História do Brasil, seja sobre cultura, sobre sociedade ou até mesmo sobre política. O esporte é uma expressão cultural de um povo. Como exemplo, podemos observar que o basquete tem muito a dizer sobre a cultura dos Estados Unidos, assim como o futebol tem muito a dizer sobre a cultura do Brasil. O futebol é indiscutivelmente uma das expressões mais fortes do povo brasileiro, dentro de diversas camadas da sociedade. Algumas provas disso são observadas na popularidade do esporte, sendo este a primeira opção para a maioria dos pais que pensam em matricular seus filhos em alguma atividade física, ou em qualquer conversa descontraída entre brasileiros, em que há grandes chances de o assunto “futebol” ser discutido pelo menos uma vez. O futebol está entranhado na história contemporânea do Brasil, e trouxe consigo diversas discussões que devem ser notadas pelos meios acadêmicos: questões de política, cultura, economia, gênero e raça, e diversas outras indagações que podem ter exemplos dentro desse esporte que se enraizou na história do Brasil.

O ápice da expressão do futebol brasileiro ocorreu na década de 1960.⁶ Depois de grandes nomes como Leônidas da Silva e Arthur Friedenreich praticarem e amarem o esporte durante a década de 1940, em 1956 era chegada a hora de um novo ídolo brilhar. Aos 15 anos, Edson Arantes do Nascimento entrou em campo com o uniforme que escolheu defender pela maior parte de sua carreira profissional, o manto do alvinegro praiano, Santos Futebol Clube. A primeira atuação do jovem já lhe rendeu a primeira vitória com o time da baixada santista, por 7 a 1.⁷ Não demorou muito até sua convocação para a Seleção Brasileira, apenas 10 meses após sua estreia como profissional. O reinado de Pelé estava apenas no início. Aos 17 anos, já participava de

⁵CHARTIER, Roger: **Do Códice ao Monitor**, agosto, 1994. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-40141994000200012>

⁶FARIAS, Airton de: **Uma História das Copas do Mundo**. Armazém da Cultura, 2014.

⁷CUNHA, Odir: **Time dos Sonhos – História Completa do Santos F.C.** Códex, 2002.

sua primeira Copa do Mundo e encantou a todos com a bola nos pés. A magia era tanta que sua primeira participação no campeonato foi o diferencial da equipe brasileira que ajudou a seleção a trazer a taça Jules Rimet pela primeira vez ao Brasil.⁸

Os anos seguintes teriam muito mais a oferecer ao futebol brasileiro. O time do Santos era uma potência indiscutível no cenário nacional. O time contava com nomes como Pelé, Pepe, Coutinho, Dorval, Mengálvio, e era temido por seus adversários no Brasil. O “Balé Branco”⁹ tomava agora proporções enormes dentro da América Latina, sendo o primeiro time brasileiro a participar da Copa Libertadores da América, em 1962, e venceu o então campeão da América, o Peñarol do Uruguai. O Santos agora reinava na América; faltava conquistar o mundo, e assim foi. Em sua primeira participação na Copa Intercontinental, o time santista entrou em campo com a devida fama, muito ocasionada pela figura de Pelé, que já havia se consagrado campeão mundial pela Seleção. O confronto com o Benfica de Portugal sagrou a potência do futebol santista e do futebol brasileiro. Assim, a história se repetiu. No ano seguinte, o Santos venceu o Boca Juniors num confronto histórico, que concedeu ao time brasileiro o bicampeonato da América e, após, venceu o Milan da Itália e se consagrou bicampeão mundial.¹⁰

O mundo do futebol via o Santos de Pelé e companhia com encanto e admiração. Os adversários o viam como o time a ser batido, mas também tinham medo do “Esquadrão Alvinegro”. As pessoas sonhavam em ver aquele espetáculo de perto, algo que ia além da realeza para os torcedores: uma divindade estava sobre a Terra, e ela se manifestava com a bola nos pés na figura de Pelé. Ali cresce a figura mítica do Ídolo do futebol, a aura que ultrapassava os campos pelo mundo e encantava todos que o assistiam. E, diferentemente do início elitista do futebol no Brasil e na América Latina, o Santos já ultrapassava diversas barreiras sociais que antes eram impostas, principalmente pela simbologia de um homem negro com a bola nos pés ser o grande herói da nação, com ajuda também da evolução dos meios de comunicação, como os diversos jornais e principalmente a televisão, algo que Arthur Friedenreich e Leônidas da Silva não tiveram em suas épocas de auge.¹¹

⁸ FARIAS, Airton de: **Uma História das Copas do Mundo**. Armazém da Cultura, 2014.

⁹ CUNHA, Odir: **Time dos Sonhos – História Completa do Santos F.C.** Códex, 2002.

¹⁰ Ibidem.

¹¹ HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de; MELO, Victor Andrade de. **O esporte na imprensa e a imprensa esportiva no Brasil**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2012.

As simbologias são inúmeras: o futebol já era motivo de orgulho nacional há alguns anos no Brasil, e a era Pelé foi o grande ápice do esporte nacional. Entretanto, no momento político brasileiro, a Guerra Fria, que assolava o mundo de medo e incertezas, mostraria seus resultados no país. Num movimento autoritário que se espalhava pela América Latina, o Brasil sofreu em 1964 um golpe militar, apoiado pela imprensa da época e por parte da sociedade. Os problemas econômicos misturados com o medo do comunismo instaurado pelos EUA fizeram com que o país renunciasse à frágil democracia que se iniciava (novamente) a pequenos passos no país. Pensar que a ditadura não teve o apoio popular é um erro, mas culpar esta mesma sociedade por todo o terror causado pode ser ainda pior.

As Forças Armadas tomaram o poder no Brasil em 1964 contra um inimigo bastante semelhante: os herdeiros do grande líder populista brasileiro Getúlio Vargas (1883-1954), que se deslocavam para a esquerda no início da década de 1960 e ofereciam democratização, reforma agrária e ceticismo em relação à política americana. As pequenas tentativas de guerrilha de fins da década, que proporcionaram uma desculpa para a implacável repressão do regime, jamais representaram um verdadeiro desafio a ele; (...)¹²

Nesse ensejo, é interessante notar os mecanismos que os militares utilizaram para “controlar” a situação no país. A repressão talvez seja a mais marcante, principalmente nos casos de assassinato e tortura vistos durante o regime: a tortura e desaparecimento de estudantes como Honestino Guimarães, o “acidente” de carro da estilista Zuzu Angel e o “suicídio” de Vladimir Herzog¹³ são apenas alguns exemplos de casos da violência extrema usada como aparato do Estado para controlar aqueles que criticavam e combatiam a ditadura, e que foram descobertos anos depois por meio de investigações.

Como os militares mitigaram essa situação dentro e fora do país? Nesse momento entra a imprensa censurada pelo Estado e outras maneiras de controlar a narrativa histórica do período em favor dos militares e das elites que estavam no poder. E no Brasil, um meio de reunir as massas era o futebol. O Brasil e o mundo estavam presenciando um marco na história do esporte, que era Pelé e o Santos Futebol Clube, e os militares se apropriaram das vitórias do país para criar um sentimento nacionalista,

¹² HOBBSAWM, Eric. **Era dos Extremos: o breve século XX: 1914-1991**. São Paulo, Companhia das Letras, 1995

¹³ **Memorial da Resistência de São Paulo**. Disponível em: <https://memorialdaresistencia.org.br>. Acesso em 10/12/2023

até pelo menos meados de 1975, onde a situação da ditadura militar piorou, entre outros motivos, pela crise econômica que se alastrava rapidamente e com a reiterada violação dos direitos humanos, representado pelo escândalo da morte do jornalista Vladimir Herzog.

Em 1969, o time do Santos continuava sua hegemonia no futebol: Pelé já havia ganhado duas Copas do Mundo, mas estava sendo desacreditado por parte da imprensa, que dizia que ele já não era mais o mesmo jogador de antes,¹⁴ enquanto paradoxalmente aguardavam a concretização do milésimo gol do Rei. O foco em Pelé era gigante na época, e mais um marco na carreira surgiria antes da consagração do tricampeonato mundial pela Seleção, em 1970.

O Santos havia embarcado em uma série de amistosos pelo mundo, numa espécie de turnê mundial de futebol. Em janeiro de 1969, o Santos protagonizaria um dos acontecimentos mais fantásticos e polêmicos da história do esporte. O time alvinegro tinha uma série de jogos marcados no continente africano, em diversos países, como Senegal, República do Congo e Gana. As multidões se moviam para ver Pelé e apreciar o espetáculo futebolístico da baixada santista, o que resultou em estádios e ruas lotadas por toda a excursão.

A delegação Santista estava acompanhada pelo jornalista Gilberto Marques, do jornal “A Tribuna”, de Santos, o único a ter um enviado para cobrir os acontecimentos da excursão.¹⁵ Diante do alvoroço que tomava conta do continente africano, o período era bastante conturbado nos países da República do Congo, Benim e na Nigéria. A guerra civil já acontecia há alguns anos. Entre os conflitos, o mais marcante foi a Guerrilha do Biafra, onde o grupo separatista do Biafra exigia a sua independência da Nigéria, que recentemente também havia se tornado independente do Reino Unido, no ano de 1960. O time do Santos, que já havia jogado com a seleção Nigeriana e não tinha mais nenhum jogo marcado pelo continente, foi convidado para realizar mais um jogo, um jogo que ficaria eternizado na história de Pelé e do Santos. Ficou conhecido como “o dia em que o Santos parou a Guerra na África”.¹⁶

¹⁴ FARIAS, Airton de: **Uma História das Copas do Mundo**. Armazém da Cultura, 2014.

¹⁵ FLORENZANO, José Paulo. A guerra do Santos: 50 anos de uma viagem histórica – Ritual antropofágico (parte I). **Ludopédio**, São Paulo, v. 115, n. 17, 2019.

¹⁶ FLORENZANO, José Paulo. A guerra do Santos: 50 anos de uma viagem histórica – A guerra civil (parte III). **Ludopédio**, São Paulo, v. 115, n. 19, 2019.

É curioso pensar em como um homem negro jogando futebol cessou um conflito extremamente brutal por um dia apenas, só para terem suas atenções voltadas para um time de futebol. Contudo, do ponto de vista historiográfico, é no mínimo polêmico pensar que isso seja um fato consolidado. Como dito anteriormente, o futebol faz parte de uma cultura de massa importante para a América Latina e para os brasileiros, então o seu uso como artimanha de controle é notável em todo o contexto político, que vai além da América Latina.¹⁷

Neste trabalho, pretendo dialogar com os periódicos da época, a fim de trazer uma percepção histórica da ditadura brasileira nesse contexto futebolístico. Importante ressaltar que Emílio Médici, presidente do Brasil entre 30 de outubro de 1969 e 15 de março de 1974, era um fanático pelo esporte, e fez uso da Seleção Brasileira como propaganda para mitigar os olhares críticos às repressões da Ditadura, com ajuda do presidente da antiga Comissão Brasileira de Desporto (CBD), João Havelange. Antes mesmo da Copa do Mundo, os ditadores presenciaram o jogo final do Santos no continente africano com esse olhar controlador de massas, visto que a imprensa deu uma grande repercussão ao jogo. A ideia do presidente nigeriano Yakubu Gowon de usar a imagem do futebol de Pelé e companhia seria um precursor da ideia empregada por Médici durante a Copa do Mundo de 1970 e de 1972, com o torneio internacional promovido pela CBD e transmitido pela televisão para todo o mundo.¹⁸

No primeiro capítulo deste trabalho, irei me concentrar na excursão do time santista pelos países africanos, trazendo um panorama político dos países, como circularam as notícias da viagem do Santos e como as notícias foram recebidas no Brasil focando na análise dos periódicos da época. No capítulo seguinte, tentarei traçar um paralelo entre os regimes africanos e o brasileiro, a fim de explicar seu uso como propaganda nacionalista durante o período de Guerra Fria e ditaduras militares.

Nesse sentido, várias questões se abrem: como o regime autoritário brasileiro reagiu à notícia do jogo do Santos que parou a Guerra? Houve um contato entre o regime nigeriano e o brasileiro após os jogos? Como a imprensa censurada enxergou o jogo do Santos? Essas perguntas serão os norteadores deste trabalho, que engloba o futebol e a historiografia.

¹⁷ Ibidem.

¹⁸ FARIAS, Airton de. **Uma História das Copas do Mundo**. Armazém da Cultura, 2014.

Capítulo 1 – Temporada conflituosa/gloriosa

1.1 Tensões no Continente Africano

Para contextualizar melhor o trabalho proposto, é necessário falar sobre o período de tensões e guerras civis no continente africano. A história da África sofre por inúmeras interferências do continente europeu, e a Guerrilha do Biafra não está isenta desse problema. A Nigéria é um país que abarca inúmeras etnias em seu território, sendo três as majoritárias no território: *Hausa-fulani*, *Iorubá* e *Igbos*.¹⁹ O território da Nigéria era parte protegida da Grã-Bretanha em 1900, que tinha interesse em recursos naturais como minas e petróleo, e em 1914 se tornou colônia propriamente dita. Os eventos das Guerras Mundiais, com as quais a Grã-Bretanha teve forte envolvimento, e o crescimento do nacionalismo na Nigéria fizeram com que os britânicos dessem mais liberdade para o país africano, como uma forma de controlar a insatisfação da população. A medida não foi recebida de maneira igual entre a população, deixando assim ainda mais evidentes as disputas étnicas do país, que não aceitavam alguns modos de atuação de outros povos. Após a independência da Nigéria e a saída dos britânicos do território em 1960, foi decidida uma divisão de províncias do país entre as etnias majoritárias: os *Hausa-Fulani* ao norte, os *Iorubá* no sudoeste e os *Igbos* ao sul e sudeste.²⁰

Historicamente, os atritos entre as diversas etnias presentes na Nigéria são realidades duras do país desde o princípio de sua história²¹, e a independência do país sendo mediada pela Grã-Bretanha foi um fator determinante para a piora do cenário conflituoso, que acabou culminando em períodos ditatoriais, guerras civis e guerras de secessão da Nigéria. Nessa instabilidade nacional, surgem os movimentos separatistas, embasados pelas rixas antigas entre etnias e novos atritos movidos pelas ações da metrópole britânica. A região do Biafra era majoritariamente habitada pelos *Igbos*, que tinham um conflito de longa data com os *Iorubás* mais ao noroeste de seu território, e em 1962 começaram os conflitos armados propriamente ditos, seguidos de golpes de

¹⁹ SANTOS, Maria de Fátima Aguiar. “As Guerras de Secessão em África: O Caso da Guerra de Biafra”. Instituto Superior de Ciências de Educação ISCED – HUÍLA, Lubango, Angola. 2021. P. 22.

²⁰ Ibidem. P. 26

²¹ Forsyth, Frederick. (1977). A História de Biafra O Nascimento de um Mito Africano. Rio de Janeiro: Editora Record (Edição revisada)

estado e contrarrevoluções, o que tornou a região, já instável politicamente, ainda mais imprevisível.²²

No ano de 1967, a região de Biafra proclamaria sua independência da Nigéria e se denominaria como República do Biafra, num ato do coronel Odumengwu Ojekwu dentro do parlamento. O que era instável evoluiu para um conflito entre o Coronel Ojekwu e o presidente Yakubu Gowon, que acabara de se instalar no poder da Nigéria através de um contragolpe de estado em 1966. A região sudeste da Nigéria, onde se encontrava a República do Biafra, era de extrema importância econômica para o país, tratando-se de um território com grandes reservas de petróleo, que basicamente enriquecia a região norte do país, enquanto o Biafra não se valia de muitos lucros do produto. Entre outras reivindicações, a República do Biafra queria se ver livre da opressão e dos massacres protagonizados pelas etnias de maioria muçulmana ao norte contra os seus povos.²³

O conflito civil armado teve duração de pouco mais de 3 anos, e mesmo que a guerra fosse marcada pela violência e brutalidade de ambos os lados, não foi um conflito contínuo, devido à carência de comunicação e de equipamentos para suprir as necessidades das batalhas, o que resultava em semanas sem conflitos e aumento da tensão e da imprevisibilidade.²⁴

A influência de outros países no conflito também é um ponto de destaque. França, África do Sul, Portugal e o Vaticano reconheceram a legitimidade das reivindicações do Biafra, alguns até mesmo fornecendo materiais militares para as guerrilhas. Em contrapartida, o governo central da Nigéria tinha fornecimentos vindos da Holanda, Itália e Grã-Bretanha. Este último trazia uma desconfiança em torno das suas intenções, já que fora o colonizador europeu do território nigeriano e o principal fomentador das desavenças entre os diversos povos da Nigéria.²⁵

A jovem organização das Nações Unidas também tem um papel um tanto controverso no conflito. Havia claras evidências de violação dos Direitos Humanos

²² SANTOS, Maria de Fátima Aguiar. “As Guerras de Secessão em África: O Caso da Guerra de Biafra”. Instituto Superior de Ciências de Educação ISCED – HUÍLA, Lubango, Angola. 2021. P. 27.

²³ Ibidem. P.28.

²⁴ Ibidem. P. 29 e 30.

²⁵ Ibidem. P. 39 a 42.

durante o período de guerra; no entanto, a ONU não se pronunciou nem agiu para prevenir abusos durante o período de guerra no Biafra.²⁶

A guerra do Biafra foi o primeiro grande desastre humanitário provocado por um conflito de origem étnica, após o Holocausto. Foi também o primeiro conflito armado do Século XX em África, entre africanos, e a primeira guerra onde a questão do acesso às fontes de energia teve um peso determinante. Neste sentido, as consequências foram imediatas, durante a guerra e após a guerra, ou seja, nem o território de Biafra, nem o território da Nigéria voltaram a ser os mesmos, ou seja, a guerra não trouxe para ambos os lados o conforto pretendido, pois relata-se que o país entrou numa espiral de corrupção, violência, impunidade. Por exemplo, as guerras étnicas e ideológicas continuam, como se pode verificar na luta do Boko Haram.²⁷

A guerrilha teve fim em janeiro de 1970, com a derrota da República do Biafra e consequentemente a reintegração da região para o governo nigeriano. As consequências da guerra têm reflexos até os dias atuais na Nigéria, além dos resultados imediatos dentro da esfera política e econômica do país, como golpes de Estado e produção e venda de petróleo bastante desreguladas, além dos problemas já existentes, como a pobreza e a disputa entre os povos habitantes da região.²⁸

1.2 Santos Futebol Clube em turnê mundial

Durante a década de 1960, a cultura do futebol já era bem difundida no Brasil, principalmente após a conquista das Copas de 1958 e 1962.²⁹ O esporte, que estava em franca ascensão no país, tinha como ídolo Edson Arantes do Nascimento, Pelé, que já havia se sagrado campeão mundial com a Seleção Brasileira e com o Santos Futebol Clube.³⁰

²⁶ Forsyth, Frederick. (1977). *A História de Biafra O Nascimento de um Mito Africano*. Rio de Janeiro: Editora Record (Edição revisada)

²⁷ SANTOS, Maria de Fátima Aguiar. “As Guerras de Secessão em África: O Caso da Guerra de Biafra”. Instituto Superior de Ciências de Educação ISCED – HUÍLA, Lubango, Angola. 2021. P. 44.

²⁸ Forsyth, Frederick. (1977). *A História de Biafra O Nascimento de um Mito Africano*. Rio de Janeiro: Editora Record (Edição revisada)

²⁹ FARIAS, Airton de: **Uma História das Copas do Mundo**. Armazém da Cultura, 2014.

³⁰ CUNHA, Odir: **Time dos Sonhos – História Completa do Santos F.C.** Códex, 2002.

O Santos, durante a década de 1960, era o grande expoente do esporte nacional e internacional, contando com nomes além de Pelé como Pepe, Coutinho, Dorval e Mengálvio.³¹ A equipe alvinegra atraía olhares de todos os cantos do planeta, o que levou o time a ser convidado para participar de torneios e amistosos ao redor do mundo. As propostas de jogar em outros países era muito rentável ao Santos, visto que na época o futebol ainda não era remunerado como é atualmente. Portanto, a ideia de receber em dólares jogando mundo afora não era ruim.³²

Foram diversas excursões, principalmente após a conquista da segunda Copa Libertadores da América e do bicampeonato Mundial de Clubes, ambos em 1963.³³ A final do Mundial de Clubes foi o que mais alavancou a imagem do Santos. O Milan da Itália vinha de uma sequência de vitórias no continente europeu, quebrando a invencibilidade do Benfica de Portugal, e se consagrou o primeiro campeão italiano da Copa dos Campeões, a antecessora da Liga dos Campeões da Europa.³⁴ A disputa entre os dois times teve confrontos que ficaram marcados pelas estrelas e pelo número de gols: o primeiro jogo foi 4 a 2 para o Milan; o segundo, 4 a 2 para o Santos; e o terceiro e último, 1 a 0 para o alvinegro praiano.³⁵

A fama do Santos foi consolidada no Mundial de Clubes, pelo desempenho dos seus jogadores que também defendiam a Seleção Brasileira. Quase todo o time alvinegro titular era convocado para a seleção. Países em todos os continentes queriam ver o Santos de Pelé e companhia jogar com seus times, times já consolidados como o Benfica, ou mesmo aqueles que começariam sua história após o confronto com o time brasileiro, como foi o caso do Olympiakos da Grécia, que eternizou em seu hino a vitória contra o Santos.³⁶

Entre todos os continentes que o time de Pelé e companhia visitaram e disputaram partidas marcantes, um específico requer atenção especial. Os jogos no continente africano são um marco na história do clube, de Pelé e dos países nos quais houve jogos, principalmente naqueles que estavam em momentos conturbados politicamente, como

³¹ Ibidem.

³² FLORENZANO, José Paulo: A guerra do Santos: 50 anos de uma viagem histórica. **Ludopédio**, São Paulo, v. 115, n. 17 a 19, 2019;

³³ <https://www.santosfc.com.br/titulos/> visitado em 02/09/2024

³⁴ “Esquadrões Históricos de Milan e Santos disputaram o título de Melhor do Mundo, em 1963”. Calciopédio, 2020.

³⁵ Ibidem.

³⁶ <https://santosdomundo.com.br/curiosidades/hino-do-olympiakos/> visitado em 02/09/2024

Congo e Nigéria.³⁷ A década de 1960 foi um período bastante conturbado no continente, como apontado no tópico anterior. As guerras civis não eram exclusividade de apenas um país, visto que os reflexos pós-segunda guerra mundial e durante o período de guerra fria eram grandes influenciadores para a instabilidade dos países da África.³⁸

Mas por que marcar amistosos na África durante um período tão incerto? Devemos lembrar que a maioria dos países visitados pelo Santos tem colonizadores europeus com uma certa tradição no esporte, a começar pela Grã-Bretanha, onde se originou o futebol, durante século XIX.³⁹ Outros países onde a popularidade do esporte se espalhou com mais vigor durante o século XX foram França, Espanha, Alemanha e Áustria, que incorporaram o futebol dentro de suas culturas, mesmo com uma certa relutância, devido às disputas históricas com a Inglaterra⁴⁰. Então países como Nigéria, Angola, Costa do Marfim, Argélia, Congo (tanto a República do Congo quanto a República Democrática do Congo), África do Sul e Marrocos tem em sua cultura o gosto pelo futebol, trazido pelos colonizadores europeus, mas desenvolvido de acordo com as características originais de cada país.⁴¹

Não podemos nos esquecer também do atrativo financeiro, como comentado anteriormente. A quantia paga por jogo ao Santos era bastante significativa na época, e os pagamentos geralmente eram feitos em dólar, o que fazia os amistosos serem uma grande oportunidade de arrecadação para o clube.⁴² Importante lembrar também que a arrecadação dos clubes na época não era impulsionada por patrocínios ou direitos de imagem, então as fontes de renda do futebol se restringiam basicamente aos ingressos para os estádios.⁴³ Somente depois da ascensão de João Havelange à presidência da FIFA que o futebol se tornaria algo realmente visado e lucrativo.⁴⁴

³⁷ FLORENZANO, José Paulo. A guerra do Santos: 50 anos de uma viagem histórica – O jogo de Calabar (parte II). **Ludopédio**, São Paulo, v. 115, n. 18, 2019.

³⁸ Ibidem.

³⁹ FARIAS, Airton de: **Uma História das Copas do Mundo**. Armazém da Cultura, 2014. P. 24 e 25

⁴⁰ Ibidem. P. 35 e 36

⁴¹ Domingos, Nuno. “Futebol e Colonialismo, Dominação e Apropriação: Sobre o Caso Moçambicano.” *Análise Social* 41, no. 179 (2006): 397–416. <http://www.jstor.org/stable/41012275>.

⁴² FLORENZANO, José Paulo. A guerra do Santos: 50 anos de uma viagem histórica – Ritual antropofágico (parte I). **Ludopédio**, São Paulo, v. 115, n. 17, 2019.

⁴³ GUTERMAN, Marcos. “O futebol explica o Brasil: uma história da maior expressão popular do país”. Contexto, 2009.

⁴⁴ MOREIRA, Jorge Fernando Albuquerque D’Amaral. Futebol e Ditadura Militar: A Elaboração Dos Projetos Políticos Para o Futebol Brasileiro 1966-1971. 2017. 173 p. Dissertação

Diante das informações apresentadas e dado o devido contexto, a delegação santista embarca em uma viagem ao continente africano em janeiro de 1969, a que talvez fosse a mais marcante e a mais controversa da história do clube.⁴⁵ Os locais dos jogos seriam, a priori, República do Congo, Argélia, Gana e Moçambique, não havendo jogos marcados na Nigéria nessa excursão de 1969.⁴⁶ A delegação santista estava acompanhada de Gilberto Marques, repórter do jornal “A Tribuna”, de Santos, sendo o único membro da imprensa a cobrir a viagem santista presencialmente.⁴⁷

1.3 A excursão que pararia guerras

O time paulista foi recebido com festa em todos os momentos de sua chegada ao continente africano, com as atenções sempre focadas em Pelé, demonstrando o amor do povo africano pelo Rei do Futebol. Reportou-se que as viagens tiveram atrasos devido às chuvas torrenciais que ocorriam em Brazzaville, na República do Congo:

Do enviado especial Gilberto Marques – Via Italcable

A equipe do Santos, que chegou ontem a Brazzaville, no Congo, teve adiada, por 24 horas, a partida de estréia que deveria disputar hoje em Pointe Noire, contra um combinado regional, isto em consequência da chuva que vem caindo sobre aquela cidade. A transferência do prêmio não influiu no enorme interesse em torno da apresentação de Pelé, limitando, porém, a 48 horas, o intervalo entre a primeira exibição e a que se promoverá, em Brazzaville, no próximo domingo.

A comitiva santista, alvo de carinhosa recepção do público local, voará, hoje, de Brazzaville para Pointe Noire, no avião russo presidencial, uma distinção especial que se concede à representação do Santos. Nas primeiras horas de novo contacto com os esportistas de Brazzaville, todos os atletas do Santos foram cercados das maiores atenções, como aliás acontecera na excursão anterior. Destaque especial, no entanto, mereceram Pelé, como não poderia deixar de ocorrer, e Gilmar, cujo cartaz se firmou entre os fãs africanos.⁴⁸

(Mestrado em História). Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, RJ, 2017.

⁴⁵ FLORENZANO, José Paulo. A guerra do Santos: 50 anos de uma viagem histórica – Ritual antropofágico (parte I). **Ludopédio**, São Paulo, v. 115, n. 17, 2019.

⁴⁶ Ibidem.

⁴⁷ Ibidem.

⁴⁸ MARQUES, Gilberto. “Chuva na África adia a estréia”. A **Tribuna**, Santos-SP, Número 290, página 16, janeiro, 1969. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>;

A expectativa para os jogos era imensa e o prestígio da delegação santista era notável. Todos apreciavam o espetáculo que o time alvinegro apresentava, e a oportunidade de ver esses ídolos de perto era do interesse de todos, tanto dos civis quanto das autoridades dos países. O primeiro compromisso então aconteceu na cidade portuária de Pointe Noire, onde uma primeira polêmica já ocorria em torno do jogo. As empresas europeias instaladas na cidade foram obrigadas a comprar ingressos para seus trabalhadores, mas os valores seriam descontados dos salários deles, segundo um cônsul inglês. Apesar da polêmica com os governantes de Pointe Noire, o jogo se mostrou extremamente rentável e não impediu os trabalhadores de irem apreciar o espetáculo, que contou com cerca de trinta mil espectadores. O Santos jogou contra uma equipe formada por jogadores da província de Kuilu, onde era Pointe Noire, mas não tiveram chances contra o time da Vila: o jogo foi 3 a 0 para o Santos, com três gols de Pelé.⁴⁹

O próximo jogo seria em Brazzaville, contra a seleção do Congo, este já prometendo ser um jogo mais disputado, e assim foi. A seleção congoleza saiu à frente no placar, com 2 a 0, e dominou o primeiro tempo, levando a multidão de 90 mil espectadores à loucura, pois presenciavam algo inimaginável para a época. Mas na segunda metade do jogo, em pouco tempo, Pelé virou a partida para o Santos, trazendo assim uma certa “normalidade”.⁵⁰ Essa derrota teve um gosto amargo para os congolezes, devido à crescente qualidade dos jogadores e do seu futebol, mostrado nos últimos resultados positivos nos campeonatos continentais e pela derrota que sofreram dois anos antes da excursão de 1969, pelo mesmo placar, 3 a 2.⁵¹

A próxima partida deixaria clara para a delegação santista que o resto da viagem seria um tanto turbulenta. Ao se dirigirem para Kinshasa, se depararam com as dificuldades diplomáticas enfrentadas entre a República do Congo e a República Democrática do Congo, ambos enfrentando problemas pós-independência de suas respectivas metrópoles europeias, França e Bélgica.⁵² A travessia do rio Congo só foi permitida aos jogadores depois de um acordo entre as autoridades dos respectivos

⁴⁹ FLORENZANO, José Paulo. A guerra do Santos: 50 anos de uma viagem histórica – Ritual antropofágico (parte I). **Ludopédio**, São Paulo, v. 115, n. 17, 2019.

⁵⁰ *Ibidem*.

⁵¹ *Ibidem*.

⁵² BOLLO AROCENA, María Dolores. Soberania, Justicia Universal e Inmunidad de Jurisdiccion en Los Asuntos: Republica Democratica del Congo C. Belgica y Republica del Congo C. Francia. **REDI**, v. 56, p. 91, 2004.

países.⁵³ Debaixo de grande chuva, o Santos enfrentou a Seleção B do Congo, o que atrapalhou muito o número de espectadores da partida: apenas 15 mil. Porém, nem isso e nem o clima impediria o triunfo do time alvinegro, que venceu por 2 a 0.⁵⁴ Mas a grande atração da visita do Santos a Kinshasa ainda estava por vir: o jogo contra Os Leopards, que era a melhor equipe do continente africano na época. O clube africano tinha como objetivo superar o time lendário do Santos, e os números da época os enalteciam para tentar tal feito. Visto que Os Leopards eram hegemônicos no futebol do continente, a promessa era de um jogo extremamente disputado.⁵⁵ O jogo começa, e o Santos tem no seu caminho um oponente mais forte, jogadores que corriam mais do que o necessário e enfrentando, como os jogadores santistas brincavam, “um sol para cada um”.⁵⁶ O placar do primeiro tempo foi de 2 a 1, com dois gols de Pelé, mas o segundo tempo entraria para a história do futebol africano: uma virada heroica para cima do alvinegro praiano fez Os Leopards e os congoleses transformarem o país inteiro em um imenso carnaval: “Ao final do encontro [relatava o repórter de A Tribuna] a torcida, em delírio, organizou grande desfile desde o estádio até as ruas centrais de Kinshasa, promovendo autêntico carnaval.”⁵⁷

A comoção foi tanta que no dia 23 de janeiro de 1969 foi declarado um novo feriado nacional pelo ditador Joseph Desiré Mobutu: O Dia Nacional do Esporte, em comemoração ao time africano que venceu o fabuloso Santos de Pelé, de virada, por 3 a 2.⁵⁸

Até aqui, é possível ver o poder mobilizador de massas do futebol do Santos, de Pelé, e brevemente o poder político que se pode obter através do esporte, como foi o caso do ditador congolês que instaurou um feriado nacional, mesmo em um período politicamente instável e ainda tendo que lidar com problemas com o país vizinho. A

⁵³ FLORENZANO, José Paulo. A guerra do Santos: 50 anos de uma viagem histórica – Ritual antropofágico (parte I). **Ludopédio**, São Paulo, v. 115, n. 17, 2019.

⁵⁴ MARQUES, Gilberto. “Viagem com problemas”. A **Tribuna**, Santos-SP, Número 296, página 14, janeiro, 1969. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>

⁵⁵ MARQUES, Gilberto. “Santos enfrentam Leopards”. A **Tribuna**, Santos-SP, Número 297, página 10, janeiro, 1969. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>

⁵⁶ FLORENZANO, José Paulo. A guerra do Santos: 50 anos de uma viagem histórica – Ritual antropofágico (parte I). **Ludopédio**, São Paulo, v. 115, n. 17, 2019.

⁵⁷ MARQUES, Gilberto. “Leopards batem o Santos: 3 x 2”. A **Tribuna**, Santos-SP, Número 300, página 13, janeiro, 1969. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>

⁵⁸ MARQUES, Gilberto. “Festa Nacional”. A **Tribuna**, Santos-SP, Número 300, página 10, fevereiro, 1969. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>

viagem seguinte do Santos, agora para a Nigéria, é o grande marco dessa influência que se pode gerar para mobilizar ou controlar as massas.

1.4 “Só o Santos parou a guerra...”

O time santista não tinha planos a priori de jogar na Nigéria durante a excursão de 1969. O calendário de jogos no continente africano teria como última parada somente um jogo na Argélia.⁵⁹ Depois de diversas negociações, o Santos aceita o confronto no país que se encontrava no meio de uma guerra civil brutal, com sérias acusações de violação de direitos humanos durante seu percurso,⁶⁰ o que levantava muita polêmica sobre a partida.

Mas por que a insistência da Nigéria em realizar esse evento? A Nigéria e a República do Biafra deram início a um conflito que teve repercussão mundial na época, e a atenção se dava por diversos fatores, a começar pelo fator econômico, pois a Nigéria era um grande exportador de petróleo e de outras matérias primas. Depois, devemos lembrar do conflito étnico-racial que foi agravado após a independência da Nigéria da Inglaterra e, por último, chamavam a atenção os indícios de genocídio promovido pelo governo central da Nigéria contra os *Igbos*, povo majoritário que compunha a República do Biafra.⁶¹

O contexto geral da Guerra do Biafra já é bastante conturbado por si só, mas existem circunstâncias atenuantes que são simultâneas ao período dos jogos. Durante o primeiro ano do conflito, o governo central nigeriano havia tomado territórios importantes para a República do Biafra, a maioria deles sendo centros civis e universitários. Contudo, o Biafra também reagiu com contraofensivas fortes, retomando alguns desses territórios por um certo tempo. Com apoio militar somente da França, o Biafra não conseguia manter por muito tempo os territórios conquistados, e eram rechaçados com veemência pelo governo nigeriano, que tinha apoio de duas

⁵⁹ FLORENZANO, José Paulo. A guerra do Santos: 50 anos de uma viagem histórica – Ritual antropofágico (parte I). *Ludopédio*, São Paulo, v. 115, n. 17, 2019.

⁶⁰ FORSYTH, Frederick. (1977): A História de Biafra O Nascimento de um Mito Africano. Rio de Janeiro: Editora Record (Edição revisada)

⁶¹ SANTOS, Maria de Fátima Aguiar. “As Guerras de Secessão em África: O Caso da Guerra de Biafra”. Instituto Superior de Ciências de Educação ISCED – HUÍLA, Lubango, Angola. 2021.

potências bélicas, os Estados Unidos e a Inglaterra.⁶² Entre esses territórios reconquistados pela Nigéria estavam as cidades de Benin, Calabar, Onitsha (cidade portuária fluvial, importante para o comércio da Nigéria) e Porto Harcourt (centro da indústria de petróleo da Nigéria), fazendo assim que as tropas biafrenses recuassem para o outro lado do rio Níger, totalizando a perda de cerca de um quarto das fronteiras da República do Biafra no momento de sua criação, em 1967.⁶³

O primeiro jogo do Santos seria realizado em Lagos, contra a seleção da Nigéria. O jogo aconteceu em um estádio que foi bombardeado durante o conflito do Biafra, e reconstruído para a partida, o que deixou a delegação santista bastante desconfiada com o ambiente para o jogo, mas as autoridades nigerianas informaram que um cessar fogo estava em vigor, por causa de um feriado do país. Apesar da desconfiança, o jogo foi bastante disputado, terminando em um empate de 2 a 2.⁶⁴ Segundo Gilberto Marques, a atuação de Pelé blindou os espectadores do conflito que ocorria no país, mesmo quando ele quase abandonou a partida devido à dura marcação que sofrera dos nigerianos, seguiu em campo.⁶⁵ O Santos iria agora a Moçambique, para um jogo contra o FK Áustria Viena, que terminou em 2 a 0 para o Santos,⁶⁶ mas logo voltaria a Nigéria, para um jogo ainda mais envolto em polêmicas.

Apesar de todas as controvérsias do primeiro jogo, o Santos mantinha posição neutra sobre os conflitos. Segundo os próprios jogadores da época, eles só tiveram conhecimento dos conflitos quando chegaram ao país pela primeira vez, e ficaram felizes ao saber que existia um cessar fogo entre os envolvidos para o acontecimento do jogo,⁶⁷ o que favorece muito a narrativa do mito de parar a guerra durante os jogos. Agora, o próximo jogo, que tinha palco na cidade de Benin, deixaria ainda mais problemática essa narrativa criada acerca do time santista. Como dito anteriormente, a cidade do Benin havia sido reconquistada pelo governo nigeriano, fazendo desta um território já controlado pelo ditador Yakubu Gowon. Foi informado novamente aos

⁶² FLORENZANO, José Paulo. A guerra do Santos: 50 anos de uma viagem histórica – A guerra civil (parte III). Ludopédio, São Paulo, v. 115, n. 19, 2019

⁶³ Ibidem.

⁶⁴ Ibidem.

⁶⁵ MARQUES, Gilberto. “Santos empata, agora Moçambique”. A **Tribuna**, Santos-SP, Número 304, página 13, fevereiro, 1969. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>

⁶⁶ FLORENZANO, José Paulo. A guerra do Santos: 50 anos de uma viagem histórica – A guerra civil (parte III). Ludopédio, São Paulo, v. 115, n. 19, 2019

⁶⁷ Ibidem.

jogadores sobre o cessar fogo vigente,⁶⁸ mas ao analisarmos melhor as informações, e com o trabalho feito por Maria de Fátima Santos, de Angola, é possível concluir que não havia conflitos na região do segundo jogo do alvinegro praiano, visto que os conflitos da guerra do Biafra eram bastante espaçados em questão de tempo, por causa dos problemas logísticos de ambos os lados,⁶⁹ e também porque os conflitos agora se concentravam do outro lado do Rio Níger, a cerca de 135 quilômetros de distância de onde aconteceria o segundo jogo, e 250 quilômetros do primeiro, em Lagos. O jogo que seria marcado como “aquele que parou a guerra” foi contra a Seleção do Meio Oeste que, com alguma dificuldade, o Santos vence por 2 a 1. O confronto entraria para a história do clube e para os gritos da torcida.

Depois da análise das fontes estudadas, nota-se a tentativa de manipulação do governo nigeriano acerca da imagem do time do Santos e dos jogos disputados. O conflito, marcado pela extrema violência, desgastou a imagem do presidente nigeriano, fazendo com que este perdesse seu apelo popular, e é necessário se ater ao fato de que o conflito envolvia pessoas do mesmo país, de mesma língua e às vezes até mesmo com algum grau de parentesco.⁷⁰ Naturalmente, a chegada do Santos no continente africano era um marco para a história, não só a do esporte, mas também dos países por onde jogaram, como foi na República Democrática do Congo. Podemos também considerar o jogo do Santos em Benin como uma propaganda das próprias forças armadas da Nigéria, ao demonstrar o controle do território conquistado e sua vitória contra os biafrenses. Então, o contexto criado para o jogo do Santos pode ser considerado uma propaganda política do governo central da Nigéria, o que faz muito sentido ao analisarmos a história da Nigéria com o futebol, um país colonizado pelos criadores do futebol e com um apego emocional ao esporte tão grande quanto os brasileiros. Era uma história de muito sucesso para se vender ao povo nigeriano.⁷¹

Já em relação à história do Santos, devemos lembrar da imagem que emanava Pelé, do homem negro que brilhava com a bola nos pés jogando no continente africano,

⁶⁸ Ibidem.

⁶⁹ SANTOS, Maria de Fátima Aguiar. “As Guerras de Secessão em África: O Caso da Guerra de Biafra”. Instituto Superior de Ciências de Educação ISCED – HUÍLA, Lubango, Angola. 2021.

⁷⁰ FORSYTH, Frederick. (1977): A História de Biafra O Nascimento de um Mito Africano. Rio de Janeiro: Editora Record (Edição revisada)

⁷¹ FLORENZANO, José Paulo: A guerra do Santos: 50 anos de uma viagem histórica. **Ludopédio**, São Paulo, v. 115, n. 17 a 19, 2019;

onde a população era majoritariamente negra. Existia ali uma representatividade, mas também algo místico. Assim a figura mítica de Pelé foi criada, e obviamente era uma história fácil de se vender. A seguir transcrevo um dos cantos mais famosos da torcida santista até hoje:

O meu Santos é sensacional
Só o Santos parou a guerra
Com o rei Pelé Bi Mundial, o maior time da Terra
É meu amor, primeiro amor, eterno amor, Santos.⁷²

Em suma, o resultado dessa excursão foi grandioso sob o ponto de vista esportivo: estádios lotados, mobilização nas cidades, exaltação da imagem de Pelé. Tudo isso mostra como o futebol montou sua base de adoradores desde sua criação, e como o Santos fez seu nome ser respeitado pelo mundo afora. Mas também se observa a força popular mobilizadora, e como o futebol é uma arma poderosa de propaganda e até mesmo de mitigação de uma crise política e humanitária, como foi o caso da guerra do Biafra.

Concluindo, o Santos não parou uma guerra pelo fato de não haver necessidade de parar tal guerra. O território de Benin já havia sido dominado pelo governo central da Nigéria, além dos problemas de logística do conflito, que mostravam a intermitência entre os dias de batalha.

⁷² “O Maior Time da Terra”, canto da Torcida Jovem do Santos.

Capítulo II – Crises e “soluções” no Brasil

2.1 Crise nacional dentro e fora de campo

Assim como o continente africano, a América Latina também vivia um período bastante instável politicamente. Após o final da Segunda Guerra Mundial, o mundo se viu em um conflito ideológico protagonizado pelos Estados Unidos e a União Soviética, ambas tentando aumentar sua influência pelo globo. A Guerra Fria, mesmo não sendo um conflito direto entre as duas superpotências, gerou reflexos perturbadores no mundo, por exemplo em conflitos entre países menores, como as Coreias, em confrontos do Vietnã e até mesmo a Guerra do Biafra, ou também com os períodos ditatoriais na América Latina, como a ditadura civil-militar no Brasil, a ditadura de Pinochet no Chile e a ditadura argentina.⁷³

Quando abordamos a situação política nacional contemporânea em conjunto com o período de guerra do Biafra, em 1967, ano de início do conflito na Nigéria, o Brasil estava em seu terceiro ano pós-golpe militar que destituiu o presidente civil João Goulart, num período de transição entre os presidentes Humberto Castello Branco e Arthur Costa e Silva, este que entraria no seu segundo mês de governo (empossado em março de 1967; a guerra do Biafra foi deflagrada em maio).⁷⁴ O período mais marcante dentro da incerteza e obscuridade da ditadura brasileira teria início com Costa e Silva, após a instituição do Ato Institucional nº 5 em dezembro de 1968, que tinha em seu texto a proibição do *habeas corpus* em casos de prisões políticas e o fechamento do Congresso Nacional por tempo indeterminado.⁷⁵ A partir desse ato, a censura e a tortura se tornaram aparato do Estado para conter as insatisfações e perseguir os “traidores da pátria”.

Já na questão futebolística, podemos dizer também que havia uma crise nacional. Apesar de o time de maior foco deste trabalho, o Santos Futebol Clube, estar em seu apogeu, a Seleção Brasileira estava com uma desconfiança enorme pairando sobre si. Em 1966, ocorreu um dos maiores vexames da história do futebol brasileiro, segundo muitos pesquisadores de futebol, onde a Seleção Canarinho teve uma campanha

⁷³ HOBBSAWM, Eric: **Era dos Extremos: o breve século XX: 1914-1991**. São Paulo, Companhia das Letras, 1995

⁷⁴ FAUSTO, Boris et al. **História do Brasil**. São Paulo: Edusp, 1994. P. 475 e 476

⁷⁵ Ibidem. P. 480.

vergonhosa na Copa do Mundo, o que resultou na desconfiança para a próxima edição. A figura de João Havelange, presidente da Confederação Brasileira de Desporto na época, estava desgastada, e havia até mesmo descrença na figura de Pelé na seleção.⁷⁶ Após o fracasso de 1966, o Congresso Nacional considerou até mesmo a abertura de uma Comissão Parlamentar de Inquérito para apurar o evento.

A fim de conter a situação, Havelange estreitou os laços com o governo autoritário militar como medida para acalmar os ânimos, o que resultou na criação do COSENA (Comissão Seleccionadora Nacional). Este órgão, criado dentro da CBD, composto por figuras “notáveis” do futebol à época, tinha o intuito de avaliar desde uma possível comissão técnica até os jogadores que integrariam o plantel da seleção durante o período de renovação. O órgão tinha o plano de fundo de estreitar as relações com o futebol, a fim de aproveitar o prestígio e a visibilidade do futebol brasileiro. Nota-se o envolvimento dos militares brasileiros no futebol, que então decidiram os nomes que formariam essa nova comissão e iniciavam seus trabalhos com o esporte. Havelange, que aspirava ser presidente da FIFA, não viu problemas em acatar esse pedido do governo, mesmo que isso implicasse em uma aliança com uma ditadura, para manter seu cargo e seu prestígio no mundo futebolístico.⁷⁷

Agora aliada ao governo militar, a CBD teve os investimentos necessários para trabalhar na limpeza da vergonha de 1966. O órgão criado para justamente renovar a Seleção testava algumas práticas pouco inovadoras, e que não contribuíam para o entrosamento da equipe, chegando até a formar equipes regionais para assumirem alguns compromissos de menor importância.⁷⁸ A imagem da Seleção também era algo que precisava de renovação. O desgaste em 1966 fez com que as pessoas desconfiassem da qualidade dos jogadores, o que motivou a CBD a incentivar as excursões internacionais, não só da seleção, mas também dos clubes (como é o caso do Santos), a fim de melhorar a imagem do futebol brasileiro mundo afora e conseguir recursos econômicos. Os clubes também aproveitavam e quitavam algumas dívidas financeiras com essas excursões.⁷⁹

⁷⁶ FARIAS, Airton de: **Uma História das Copas do Mundo, vol. 1**. Armazém da Cultura, 2014. P. 324.

⁷⁷ Ibidem.

⁷⁸ Ibidem. P. 325

⁷⁹ MOREIRA, Jorge Fernando Albuquerque D'Amaral, 1992- Futebol e Ditadura Militar: A Elaboração Dos Projetos Políticos Para o Futebol Brasileiro 1966-1971. 2017. 174 f. P. 141 e 142.

Dado o panorama da situação financeira dos clubes devido à precariedade da profissionalização do futebol, questões com os salários dos jogadores e os problemas com as federações regionais, a possibilidade de lucrar ou sanar dívidas era muito vantajosa para todos, e a questão da imagem do futebol brasileiro seria restaurada. Agora, valia a pena fazer excursões para países que estavam sofrendo uma ditadura ou enfrentando uma crise humanitária? Para a CBD, ao que tudo indica, o lucro e a imagem do futebol brasileiro eram mais importantes do que a ética e a moral, já que o Santos protagonizou jogos onde a situação política era no mínimo problemática.

2.2 O “milagre” do futebol

O COSENA continuou colecionando fracassos, trazendo uma seleção velha e sem brilho, o que pressionava cada vez mais Havelange à frente da CBD. Então, aproveitando-se da péssima situação da seleção, o presidente da CBD decide extinguir o COSENA no final de 1968, com o aval do governo. Em fevereiro de 1969, em um ato extremamente ousado, chama João Saldanha para ser o novo técnico da seleção. O jornalista, radialista e grande especialista em futebol era também abertamente comunista, filiado ao Partido Comunista Brasileiro (PCB), e grande crítico do governo militar brasileiro. Isso gerou um alvoroço gigante para o governo, que via aquilo como uma afronta e não queria que o símbolo ufanista nacional fosse comandado por um comunista, que eram os grandes “inimigos” do regime ditatorial.⁸⁰

Contudo, a atuação de Saldanha à frente da seleção foi incontestável, para glória de Havelange e espanto dos contestadores. A renovação que Saldanha propôs à seleção visava abandonar a glória do bicampeonato mundial e de seus participantes, exigindo uma mudança de postura necessária para construir o time do zero. Os bons resultados vieram em amistosos e nas eliminatórias, trazendo uma esperança para os brasileiros e, obviamente, para a ditadura, de que a taça Jules Rimet ficaria em definitivo no Brasil.⁸¹

⁸⁰ FARIAS, Airton de: **Uma História das Copas do Mundo, vol. 1**. Armazém da Cultura, 2014. P. 325.

⁸¹ FARIAS, Airton de, *apud* WISNIK, João Miguel: **Uma História das Copas do Mundo, vol. 1**. Armazém da Cultura, 2014. P. 328.

Mesmo com o sucesso das “feras do Saldanha” (apelido dado à seleção após um lance de efeito publicitário de João Saldanha), o governo militar se incomodava com a presença do técnico que devolveu brilho à seleção. Saldanha, apesar de ser um técnico excelente, não tinha um bom relacionamento com a imprensa, e rebatia as críticas com ironia e sarcasmo. Sem contar o seu claro posicionamento político, o técnico aproveitava as viagens internacionais com a seleção para denunciar as inúmeras e claras violações de direitos humanos do regime brasileiro.⁸² A situação deteriorou-se com o falecimento do general Costa e Silva, que gerou uma instabilidade no governo e a dúvida de quem seria o seu sucessor, que acabou sendo o general Emílio Garrastazu Médici.

Médici, um apaixonado por futebol, assumiu a presidência em outubro de 1969, e foi outro general que também abraçou a chamada “linha dura”, que continuou a perseguição e a tortura aos adversários políticos. Aproveitando-se de uma crescente econômica internacional, fez da propaganda sua maior aliada (além da repressão). O presidente, que adorava emplacar slogans ufanistas como “Este é um país que vai pra frente!”, (o infame) “Brasil: ame-o ou deixe-o” e até mesmo a marchinha que viraria símbolo da seleção, “Pra frente Brasil”, fez seu governo se valer da imagem do “milagre” econômico que vivia o país. A baixa da inflação e o aumento do PIB anual durante o governo de Médici ajudaram muito na política propagandista de 1969 a 1973, e a conquista da Copa de 1970 foi um grande impulsionador da sua popularidade.⁸³

O técnico João Saldanha, que já não estava com o sucesso do início da sua caminhada com a seleção e tinha sua imagem desgastada, teria seus dias na seleção contados com a chegada de Médici à presidência. Depois de algumas derrotas em campo, Saldanha viu a imprensa aproveitar alguns pequenos problemas com os jogadores e a comissão técnica para queimar a sua imagem à frente da seleção. Entre os jogadores com os quais Saldanha tinha certos atritos estava Pelé, que chegou a afirmar que o rei do futebol tinha problemas de visão. Mas foi com o atacante Dário, ou “Dadá Maravilha”, que Saldanha criaria problemas diretos com o presidente Médici. O centroavante era admirado pelo presidente fã de futebol, e pediu ao técnico que o convocasse para a seleção. O temperamento explosivo e reativo do treinador fez

⁸² FARIAS, Airton de: **Uma História das Copas do Mundo, vol. 1**. Armazém da Cultura, 2014. P. 328 e 329.

⁸³ FAUSTO, Boris et al. **História do Brasil**. São Paulo: Edusp, 1994. P. 485 e 486

com que ele respondesse à imprensa com uma de suas frases de efeito, o que irritou o general profundamente: “Nem eu escalo ministério, nem o presidente escala time”⁸⁴. Doze dias depois, Saldanha seria retirado do cargo de técnico da seleção brasileira. Os resultados não favoráveis, seu histórico político e seus comentários ácidos e diretos à imprensa foram pontos determinantes para sua saída, dando lugar a Mário Jorge Lobo Zagallo.⁸⁵

Dessa forma, fica claro mais uma vez o interesse da ditadura no futebol. A máquina propagandista ufanista, que cresceu no governo de Médici, valia-se muito dos resultados da seleção, e em como esses resultados serviam para mascarar o que acontecia no país. A ditadura absorvia o sucesso do esporte, atrelando a si os resultados positivos, mas os negativos eram culpa de determinados personagens escolhidos pela própria ditadura. Nesse caso, para a ditadura, o culpado não era Havelange, que foi grande aliado da construção dessa imagem propagandista do futebol brasileiro. Os bodes expiatórios da vez foram o técnico João Saldanha e o COSENA.

2.3 Coincidências ditatoriais

O começo da segunda metade do século XX foi um período conturbado politicamente no Brasil e na Nigéria, países abordados neste trabalho. Ambos estavam vivendo ditaduras e conflitos civis, claras marcas que até hoje são objetos de pesquisa importantes para o entendimento e traumas das duas nações. Um dos objetivos deste trabalho é traçar os paralelos entre os regimes, gerar mais reflexões e encontrar mais possíveis pontos em comum acerca de dois países que sofreram ditaduras brutais e, ao mesmo tempo, amam o futebol.

O fracasso da Copa de 1966 é o marco de início da influência do governo militar de 1964, com a aproximação de João Havelange dos militares, levando à criação do COSENA, que tinha funcionários escolhidos pelo governo. Num movimento para alavancar a imagem manchada do futebol brasileiro, foram feitos alguns amistosos internacionais da seleção e de alguns clubes brasileiros, estes últimos vendo uma

⁸⁴ ”Ele escala o ministério, eu escalo a seleção’: o técnico do Brasil que peitou o presidente”, disponível em <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-57398513>

⁸⁵ FARIAS, Airton de: **Uma História das Copas do Mundo, vol. 1**. Armazém da Cultura, 2014. P. 332 e 333.

oportunidade de arrecadação financeira para poderem sanar dívidas. Apesar de a turnê santista pela África ter se iniciado em 1969 e o COSENA tido sido extinto em 1968, a ideia das excursões perdurou com o aval da CBD, pois ainda fazia parte do projeto de reconstrução da imagem do futebol brasileiro e ainda continuava sendo uma ideia rentável.⁸⁶

A ideia propagandista do futebol usada pelo regime autoritário brasileiro também é usada pelo ditador nigeriano Yakubu Gowon, como ficou claro no segundo jogo do Santos em Benin, pois este queria restaurar sua imagem perante a população nigeriana, que sofria as consequências brutais da Guerra do Biafra. O jogo no país serviu para mostrar o controle de Gowon sobre os biafreses, sobre seu próprio território e sobre sua população, trazendo uma atração inesquecível, que era ver Pelé e o Santos de perto, mostrando assim sua força, mas também o seu lado populista, de alguém que pensa no próprio povo. Era uma clara tentativa da política do “pão e circo” do governo central nigeriano, que enfrentava pressões internas e externas durante a Guerra do Biafra.⁸⁷ Desse fato, surgiu a narrativa do Santos de Pelé parar uma guerra, o que tornaria a turnê do alvinegro um acontecimento ainda maior, e uma prova ainda mais contundente de que o futebol brasileiro devia ser respeitado e temido pelos adversários, de que o Brasil era o país do futebol alegre e “pra frente”, o que consequentemente também era inserido nas propagandas do governo militar brasileiro como o reflexo do seu próprio país.⁸⁸

No Brasil, em consonância com a Nigéria, o momento político era conturbado, e o período a partir de 1964 fez do país um ambiente bastante instável e assustador, principalmente para aqueles considerados inimigos da pátria pelo governo militar. Durante o período de turnê santista, o general Costa e Silva ainda era o presidente do país e havia estreitado laços com a CBD e Havelange, que tornou a seleção uma propaganda do governo. Importante salientar que esse período também marca uma crescente na qualidade do futebol brasileiro, com João Saldanha à frente da seleção. Com a chegada de Médici ao poder, em agosto de 1969, a propaganda do governo com o futebol se tornou mais forte, visto o gosto do general pelo esporte. Sua influência foi

⁸⁶ Ibidem. P. 324 e 325.

⁸⁷ FLORENZANO, José Paulo: A guerra do Santos: 50 anos de uma viagem histórica: A guerra de Calabar. **Ludopédio**, São Paulo, v. 115, n. 17 a 19, 2019

⁸⁸ FARIAS, Airton de: **Uma História das Copas do Mundo, vol. 1**. Armazém da Cultura, 2014. P. 324 a 329.

marcante na troca de técnico da seleção meses antes da Copa do Mundo de 1970, devido às posturas políticas e, por último, a uma resposta ácida do treinador João Saldanha a um pedido de escalação de jogador na seleção.⁸⁹ A popularidade de Médici foi impulsionada pelo milagre econômico⁹⁰ e pela conquista do tri-mundial do Brasil na Copa de 1970. Médici, que também gozava de características populistas, fez um discurso marcante no dia da conquista, o que diz muito sobre as intenções do governo militar com o esporte:

Na hora em que a Seleção Nacional de Futebol conquista definitivamente a Copa do Mundo, após memorável campanha, na qual só enfrentou e venceu adversários do mais alto valor, desejo que todos vejam no Presidente da República um brasileiro igual a todos os brasileiros, como um homem comum, como um brasileiro que acima de todas as coisas, tem um imenso amor ao Brasil e uma crença inabalável nesse país e nesse povo, sinto-me profundamente feliz, pois nenhuma alegria é maior no meu coração do que a alegria de ver a felicidade de nosso povo, no sentimento da mais pura exaltação patriótica.⁹¹

O discurso enfático de Médici atrela o sucesso da seleção ao seu próprio. A imagem ufanista da vitória ajudava o governo a manter a popularidade com os brasileiros, que se viam num dilema entre apoiar o governo ou reconhecer a barbárie que era imposta pelo Estado aos cidadãos durante o regime.⁹²

É possível ver similaridades nos modos de uso da imagem do futebol nas ditaduras, seja no contexto em que estão ou em como foram usadas tais imagens. O esporte, por ser amado em ambos os países abordados, se transforma no maior mobilizador das massas, e o controle das massas é importante num contexto ditatorial.⁹³ Ao analisarmos com cautela, é possível ver uma certa comunicação entre os regimes, e até mesmo perceber um *modus operandi* acerca do uso do futebol: ambos estavam vivendo crises internas de popularidade (antes e no início do governo Médici), ambos enfrentavam um período violento de sua história, e algo que unia todas as

⁸⁹ Ibidem. P 332 e 333.

⁹⁰ FAUSTO, Boris et al. **História do Brasil**. São Paulo: Edusp, 1994. P. 485 e 486

⁹¹ “O valor do homem brasileiro”, Mensagem do Presidente Médici ao povo brasileiro, quando da vitória da Seleção no Campeonato Mundial de Futebol, a 21-6-1970. Disponível em: <http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/emilio-medici/discursos/1970>. Acesso em 08/09/2024

⁹² FARIAS, Airton de: **Uma História das Copas do Mundo, vol. 1**. Armazém da Cultura, 2014. P. 353 a 355.

⁹³ HOBBSAWM, Eric: **Era dos Extremos: o breve século XX: 1914-1991**. São Paulo, Companhia das Letras, 1995

camadas sociais era o amor pelo futebol; portanto, usaram isso a seu favor para mitigarem ou até mesmo esconderem os problemas que as duas nações enfrentavam.

Pesquisas mais aprofundadas podem encontrar ainda mais conexões entre os regimes, levando em consideração o fato de que as excursões internacionais dos clubes brasileiros eram mediadas pela CBD e pelo órgão criado para atender ao interesse dos militares pelo futebol.⁹⁴

⁹⁴ FARIAS, Airton de: **Uma História das Copas do Mundo, vol. 1**. Armazém da Cultura, 2014. P. 324 a 329

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É interessante pensar em como o esporte pode ser a grande expressão de um povo, seja no entretenimento ou até mesmo na criação de mitos, que talvez seja a busca incessante da humanidade: a necessidade de um mito, de uma paixão que nos impulsiona para seguir a vida. Mas também os usos desses mitos e dessas paixões podem ser perigosos, pois os seres humanos são extremamente voláteis.

Ao abordar o tema do futebol e das ditaduras brasileira e nigeriana, é possível ver o uso de uma expressão marcante e apaixonante dos povos para a propaganda de um regime autoritário. Ambos os regimes usaram o futebol como maneira de alavancar ou limpar suas imagens. No caso nigeriano, esse uso de imagem foi feito ao receber o Santos Futebol Clube em um país cujo conflito se tornava um dos mais sangrentos genocídios do século XX, e ao realizar um jogo em um território palco de batalhas entre o governo central da Nigéria e a República do Biafra, como parte de sua propaganda para melhorar sua imagem interna e externa, que estava extremamente desgastada. É importante ressaltar que deste fato surgiu uma narrativa mítica de que o Santos parou uma guerra no continente africano.

No Brasil, a ditadura militar chega ao ponto de intervir no esporte para obter melhores resultados e mostrar sua potência para o mundo. Entrando diretamente na CBD, o governo militar investiu na imagem do futebol brasileiro, que passava por uma reformulação desde a Copa de 1966, e esse envolvimento foi estreitando cada vez mais a imagem do futebol brasileiro com o regime. Ambos os países queriam exibir o melhor que tinham a oferecer, mas escondiam as suas reais e assustadoras realidades que manchavam suas histórias.

Esta pesquisa, principalmente no que tange à conexão de ditaduras latinas e africanas, é apenas um arranhão na superfície de um mar de obscuridades que ocorriam nos regimes autoritários do século XX. Ao usar o futebol como objeto de pesquisa, é possível observar melhor o funcionamento das sociedades. Assim como no esporte, mexer nas paixões é algo extremamente complicado, mas que traz indagações interessantes, e a maior contribuição do estudo de História não é trazer verdades fechadas, mas sim perguntas que trazem reflexões sobre o nosso passado e nosso presente. A História deve sim se questionar acerca das paixões, pois o conhecimento

em si é apaixonante, e as paixões de um povo podem ser mais reveladoras do que os próprios fatos.

REFERÊNCIAS

- BLOCH, Marc: Apologia da História ou o Ofício do Historiador, Rio de Janeiro, Zahar, 2002;
- BOBBIO, Norberto: Dicionário de Política. 12 ed. Brasília: Editora UnB, 2002. 2V;
- BOLLO AROCENA, María Dolores. Soberania, Justicia Universal e Inmunidad de Jurisdiccion en Los Asuntos: Republica Democratica del Congo C. Belgica y Republica del Congo C. Francia. REDI, v. 56, p. 91, 2004.
- BURKE, Peter: A escrita da história: novas perspectivas. São Paulo: Unesp, 1992;
- BURKE, Peter: O Que é História Cultural? Rio de Janeiro, Zahar, 2005;
- CHARTIER, Roger: Do Códice ao Monitor, agosto, 1994. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-40141994000200012>;
- CUNHA, Odir: Time dos Sonhos – História Completa do Santos F.C. Códex, 2002.
- FARGE, Arlette: O Sabor do Arquivo, São Paulo, EDUSP, 2022;
- FARIAS, Airton de: Uma História das Copas do Mundo, vol. 1. Armazém da Cultura, 2014.
- FAUSTO, Boris et al. História do Brasil. São Paulo: Edusp, 1994.
- FLORENZANO, José Paulo: A guerra do Santos: 50 anos de uma viagem histórica. Ludopédio, São Paulo, v. 115, n. 17 a 19, 2019;
- FORSYTH, Frederick. (1977): A História de Biafra O Nascimento de um Mito Africano. Rio de Janeiro: Editora Record (Edição revisada)
- GUTERMAN, Marcos. O futebol explica o Brasil: uma história da maior expressão popular do país. São Paulo: Contexto, 2009.
- HOBBSAWM, Eric: Era dos Extremos: o breve século XX: 1914-1991. São Paulo, Companhia das Letras, 1995
- HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de; MELO, Victor Andrade de. **O esporte na imprensa e a imprensa esportiva no Brasil**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2012.

LE GOFF, Jacques: História e Memória. São Paulo: Ed. Unicamp, 1996;

LE GOFF, Jacques: Prefácio In: Apologia da História ou Ofício do Historiador, BLOCH, Marc, Rio de Janeiro, Zahar, 2002, p. 28

LIMA, Paulo Victor Cavalcanti de Lucena: O uso político do futebol pela Ditadura Vargasista (1937-1945) e pela Ditadura Militar (1964-1985). Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de História do Instituto de Ciências Humanas da Universidade de Brasília. Brasília, 2022. Disponível em: https://bdm.unb.br/bitstream/10483/32911/1/2022_PauloVictorCavalcantiLucenaLima_tcc.pdf

MARQUES, Gilberto. “Santos marca o quinto triunfo: 2x1 em Benin”. A Tribuna, Santos-SP, Número 307, página 13, fevereiro, 1969. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>;

MOREIRA, Jorge Fernando Albuquerque D’Amaral. Futebol e Ditadura Militar: A Elaboração Dos Projetos Políticos Para o Futebol Brasileiro 1966-1971. 2017. 173 p. Dissertação (Mestrado em História). Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, RJ, 2017. Disponível em: <https://rima.ufrj.br/jspui/bitstream/20.500.14407/13815/1/2017%20%20Jorge%20Fernando%20Albuquerque%20D%27Amaral%20Moreira.pdf>

Memorial da Resistência de São Paulo. Disponível em: <https://memorialdaresistencia.org.br>. Acesso em 10/12/2023

O Estado de São Paulo, sexta-feira, 17 de janeiro de 1969, pág. 17. Disponível em: <https://www.novomilenio.inf.br/santos/h0142a1.htm>.

SANTOS, Maria de Fátima Aguiar. “As Guerras de Secessão em África: O Caso da Guerra de Biafra”. Instituto Superior de Ciências de Educação ISCED – HUÍLA, Lubango, Angola. 2021.